



ARTÍCULO ORIGINAL

Espaço, tempo e território: algumas considerações rumo a uma conceitualização

Time, space and territory: some considerations for a conceptualization

Eduardo San Marful Orbis^{1*} y Sonia Segatti²

¹ Centro de Estudios Demográficos (CEDEM), Universidad de La Habana, Cuba.

² Universidad Estadual Paulista, São Paulo, Brasil.

* Autor para correspondencia: sanmarful@cedem.uh.cu

RESUMO

A partir da idéia de que espaço, tempo e território são categorias epistemológicas básicas para a localização, características e conteúdos do espaço geográfico, este artigo visa a contribuir teoricamente para o estudo dos conceitos de renomados cientistas sociais, a partir de uma análise teórica que relaciona o desenvolvimento de nossa dissertação no sentido de entender os efeitos do setor sucroalcooleiro no território brasileiro, visto como uma ação realizada pelos empresários do setor agroindustrial e como esta vai se agrupando e se distribuindo pelo espaço geográfico, suporte físico-natural onde vão se desenvolver todas suas atividades.

PALAVRAS-CHAVE: espaço, tempo, território.

ABSTRACT

The present paper aims at contributing, in theoretical terms, to concept studies performed by well-known social scientists, as to different existing epistemological concepts on geographical space, and the theoretical analysis linking the development of our work with the goal of understanding the impact on sugar and alcohol sectors in Brazil, seen as part of an action carried out by agro-industrial sector's business men. It is also our aim to explain how such action is been grouped and distributed in the geographical sector, which constitutes the physical support where all the activities will take place.

KEYWORDS: space, time, territory.

RECIBIDO: 25/8/2012
ACEPTADO: 21/1/2013

Introdução

Nesse artigo pretende-se estabelecer algumas reflexões conceituais acerca do espaço geográfico, tempo e território. O espaço visto em sua qualidade de superfície de sustentação onde se desenvolvem todas as atividades do homem. Explica-se também que as dimensões e a base

da concepção teórica através de uma plataforma epistemológica, cobrem as expectativas para esta disciplina.

Seria tendencioso oferecer nesse artigo uma historia sistematizada das diferentes concepções acerca da categoria «espaço», por reconhecer que uma palavra pode aplicar-se a realidades

diferentes, portanto temos optado por aceitarmos aquelas que têm vínculos estreitos com nosso objeto de estudo.

Em se tratando do tempo, entende-se que o conceito é muito filosófico, já que a percepção do mesmo é diferente para cada cientista social em função da atividade que se está desenvolvendo. Creemos que o conceito «tempo» se encontra muito ligado à vida. Quaisquer atividades físicas, mentais ou emocionais afetam significativamente a percepção subjetiva do tempo, sem que tenhamos meios de medir com precisão suas pequenas variações. Embora, ao largo da história, a humanidade tenha desenvolvido mecanismos para medir o tempo absoluto e objetivo, cada vez mais precisos, chegando a resultados impressionantes na diminuição das margens de erro, como a aparição de relógio atômico.

O «território», por sua parte, entende-se como um espaço de poder, de gestão e de domínio do Estado, de indivíduos, de grupos e organizações, e das empresas locais, nacionais e multinacionais. Assim, teoricamente, o território como objeto real e concreto, não é em si mesmo espaço; porque espaço e tempo não têm nem existência própria independente dos objetos, senão que é dimensão e condição primária da existência da realidade.

Cabe-nos destacar nesse artigo algumas considerações de diferentes cientistas sociais que nos leve a um melhor entendimento, onde possamos direcionar o desenvolvimento de nossa dissertação.

O espaço geográfico, tempo e território: uma questão de método

Espaço, tempo e território são categorias epistemológicas básicas para a localização, características e conteúdos do espaço. Cada momento histórico produz sua própria lógica espacial para cada época: em tempo e espaço. Em nosso caso, abordaremos o desenvolvimento da agroindústria sucroalcooleira no desenvolvimento de nossa dissertação, visto como uma ação realizada pelos empresários do setor agroindustrial e como esta ação vai se agrupando e se distribuindo pelo espaço geográfico, suporte físico-natural onde vão se desenvolver todas suas actividades.

Num sentido mais amplo o espaço geográfico pode ser considerado, tal como estabelece Tricart, em «la epidermis de la Tierra» incluído como a superfície terrestre e a biosfera, que os gregos denominavam de *oikumene*, ainda que este conceito abarca somente as terras habitadas, que são as conhecidas pela humanidade, as terras cultiváveis.¹ Hoje em dia as terras habitadas alcançam quase todo o planeta. Segundo Max Sorre, até a Antártica, os mares, o ar e incluso o espaço exterior são acessíveis à sociedade, e objeto de conhecimento e aproveitamento.² Por definição, todo ponto do espaço geográfico se localiza na Terra e se define por suas coordenadas geográficas: latitude, longitude e altitude, e ademais, por sua fixação concreta e posição, por estar relacionado com outros pontos. Essa relação depende da escala.³

Inicialmente, o espaço geográfico é o espaço acessível à sociedade, é qualquer ponto da superfície terrestre que se vê afetado ou que afete de alguma maneira a humanidade, segundo Eduardo San Marful.⁴ Visto assim, não abarca somente as áreas habitadas do planeta, senão todos os afetados pelas actividades humanas. Aqui se desprende que um dos objetivos principais da Geografia é interpretar as relações sociedade-natureza desde a história e as suas transformações. Um dos princípios fundamentais da ciência geográfica é que um espaço determinado guarda as marcas dos passos das sociedades, ou seja, nos fala de antigas culturas e civilizações, e também da dinâmica da natureza.

As análises atuais sobre o espaço geográfico apresentam, ante a globalização da sociedade, uma visão dicotômica: por um lado, o espaço mundial caracterizado por redes e fluxos globais e, por outro, o espaço dos lugares, das regiões, das cidades, das identidades. O espaço geográfico se observa entre o global e o local, e se já chegamos a idéia de que deve ser entendido como um eixo social, então, devemos estudá-lo através de sua

¹ Cfr. Jean Tricart: *La tierra, planeta viviente*.

² Cfr. Max Sorre: *Lês fondements de la géographie humaine*.

³ Cfr. Max Sorre: «Aproximaciones a la geografía urbana»; e Eduardo San Marful Orbis: «Población y poblamiento en la provincia de Matanzas: sus relaciones con la agroindustria azucarera, siglos XVI-XXI», p. 29.

⁴ Cfr. Eduardo San Marful Orbis: *Ob. cit.*

historia e estrutura, em sua qualidade de espaço total.⁵

Seria sumamente embaraçoso e tedioso oferecer nesse artigo uma historia sistematizada das diferentes concepções acerca da categoria «espaço». No *Diccionario demográfico multilingüe*, reconhece que «una palabra puede aplicarse a realidades diferentes».⁶

O espaço é o objeto da Geografía. Milton Santos destaca que essa ciência «se atrasó en la definición de su objeto y llegó incluso a ignorar totalmente dicho problema», e se refere também a preocupação por seu objeto explícito –o espaço social–, que sempre foi deixado num segundo plano. Ademais, considera que esta é uma das causas do atraso no campo teórico e metodológico das ciências geográficas.⁷ Outros cientistas, como Puyol e R.E. Méndez, expressam que «la Geografía humana se encarga del estudio del espacio humanizado a través del tiempo, transformando la naturaleza».⁸ Neste sentido, Manuel Briceño aponta que «el espacio es una unidad compleja multidimensional, que adquiere múltiples formas y comportamientos dentro de la totalidad global de la sociedad».⁹ Delfina Trinca, por sua parte, considera que «el espacio geográfico está en constante proceso de construcción y reconstrucción, es condición de existencia de lo social».¹⁰ Milton Santos, ainda caracteriza o espaço como uma mescla de dinamismo e unidade que reúne materialidade e ação humana. Segundo este autor, pode-se concluir que o espaço geográfico está composto por vários elementos: os homens, suas diversas maneiras de organização, o chamado «meio ecológico» e as infraestruturas como modificações do homem.¹¹ Não obstante, Santos não vê o homem como um elemento multifuncional dentro do espaço, senão que só

sita sua qualidade de fornecedor de trabalho ou candidato a este.¹²

Assim, o «espaço geográfico» é considerado como «estrutura» de uma unidade funcional e fisionômica que possui uma identidade e que está localizada. Cada estrutura é regida e organizada por um sistema. Em um mesmo espaço podem apresentar-se diversas estruturas, que se manifestam com distinta força dependendo da natureza do elemento que as determine. Isso nos conduz a análise dos limites. Estabelecê-los é um dos problemas mais difíceis da Geografia, já que todo fenômeno apresenta descontinuidades espaciais, e seus limites variam com o tempo.

Outra versão diferente sobre o espaço geográfico nos oferece Bernardo Fernandes, que estabelece que, por meio de sua ação política e de sua intencionalidade, os movimentos sociais produzem espaços e nos oferecem as pistas necessárias para a compreensão da significação espacial a partir de seu comportamento manifesto no espaço produzido.¹³ A compreensão da dialética sócioespacial é necessária para entender geograficamente os movimentos sociais. Ademais, Fernandes chama a atenção para o fato de que muito do conteúdo científico das análises dos movimentos sociais na Geografia advém de disciplinas outras, sobretudo a Sociologia, e se compromete com a conceitualização geográfica desses movimentos, como sendo compreendidos enquanto movimentos sócioespaciais e socioterritoriais. Contudo, ele esclarece que:

movimento social e movimento socioterritorial [e socioespacial] são um mesmo sujeito coletivo ou grupo social que se organiza para desenvolver uma determinada ação em defesa de seus interesses, em possíveis enfrentamentos e conflitos, com objetivo de transformação da realidade. Portanto, não existem «um e outro». Existem movimentos sociais desde uma perspectiva sociológica e movimentos socioterritoriais ou movimentos sócioespaciais desde uma perspectiva geográfica.

⁵ Cfr. ídem.

⁶ Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE): *Diccionario demográfico multilingüe*, p. 303.

⁷ Cfr. Milton Santos: *Metamorfosis del espacio habitado*, p. 12.

⁸ Rafael Puyol e R.E. Méndez: *Geografía humana*.

⁹ Manuel Briceño: *Consideraciones sobre la formación del espacio en Venezuela*, pp. 1-3.

¹⁰ Delfina Trinca: «La geografía y los cambios de hoy».

¹¹ Cfr. Milton Santos: *Los espacios de la globalización*, pp. 69-77.

¹² Cfr. Milton Santos: «Espacio y método», p. 10.

¹³ Cfr. Bernardo Maçano Fernández: «Movimientos socioterritoriais, e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais»; e David Harvey: *A justiça social e a cidade*.

[...] Ainda queremos enfatizar que isso não significa uma visão determinista do lugar [...]. Não propomos o estudo descritivo do espaço ou do território, mas da multidimensionalidade possível [...] em todas as interações que são constituintes de transformação da realidade.¹⁴

Ainda Fernandes destaca que, de acordo com Raffestin, para alguns movimentos o território é seu trunfo e, portanto, a razão da sua existência. Para todos os movimentos o espaço é essencial. Este autor afirma que não existem movimentos sociais sem espaço. Todos os movimentos produzem algum tipo de espaço, mas nem todos os movimentos têm o território como trunfo.¹⁵

Nota-se claramente a existência de uma relação entre a tradicional estrutura e os conflitos de classes, as transformações estruturais da sociedade e o espaço produzido; e qualquer revolução social não pode ter êxito se não for ao mesmo tempo uma revolução espacial consciente.¹⁶ Um ponto ainda a ser tocado, no que se refere aos movimentos sócioespaciais, é sua relação na atualidade com o desenvolvimento do capitalismo. Segundo Henri Lefebvre, o capitalismo só se desenvolveu, chegando ao seu estágio atual, ocupando e, sobretudo, produzindo espaço.¹⁷ A compreensão desse fenômeno é imprescindível para qualquer análise que relacione as desigualdades sociais ao processo de evolução do atual modo de produção.

O «tempo» é um conceito muito filosófico, já que a percepção do mesmo é diferente para cada cientista social em função da atividade que está desenvolvendo. O conceito «tempo» se encontra muito ligado à vida. Em definitivo, qualquer atividade física, mental ou emocional afeta significativamente sua percepção subjetiva, sem que tenhamos meios de medir com precisão suas pequenas variações. A principal característica do conceito «tempo» é de ser absoluto, não depende de nenhuma variável externa ou interna ao indivíduo, é um conceito abstrato, talvez não exista na realidade, mas como conceito é absoluto e real, como a vida mesmo. Porém, ao

largo da história, a humanidade foi desenvolvendo mecanismos para medir o tempo absoluto e objetivo, cada vez mais precisos, chegando a resultados impressionantes na diminuição das margens de erro, como a aparição de relógio atômico.

Entretanto, o conceito da física moderna, da teoria espacial, da relatividade de Albert Einstein nos oferece um conceito totalmente distinto do tempo, não se parece nem ao tempo objetivo, nem ao tempo subjetivo dos conceitos clássicos do tempo, se trata de um conceito matemático do tempo. O tempo é relativo pela teoria espacial da relatividade de 1903 e posteriormente pela teoria da relatividade geral de 1916. Sem dúvida, a segunda teoria afetou o conceito tempo por estabelecer uma equivalência da gravidade com aceleração, e, portanto, com supostos efeitos temporais do movimento da relatividade espacial.

Precisamente, o tempo constitui uma das maiores dificuldades a que se detém este tipo de investigação. No todo, a análise do espaço deve recorrer a história e integrar o tempo e a duração em seus raciocínios. As diferentes escalas temporais produzem elementos heterogêneos, instalados em épocas diferentes e que desenvolvem a ritmos distintos. A geografia, no geral, se baseia no que se observa no presente e unicamente recorre ao passado com vistas na compreensão do atual, para entender sua evolução.¹⁸ Por outro lado, Fernand Braudel sustenta que:

Todo o trabalho histórico decompõe o tempo passado e escolhe as suas realidades cronológicas, segundo preferências e exclusões mais ou menos conscientes. A história tradicional, atenta ao tempo breve, ao indivíduo e ao acontecimento, habituouse desde há muito à sua narração precipitada, dramática, de pouco fôlego.

A nova história econômica e social coloca no primeiro plano da sua investigação a oscilação cíclica e aposta na sua duração: deixou-se iludir pela miragem –e também pela realidade– dos aumentos e quedas cíclicas de preços. Dessa forma, existe hoje, a par da narração (ou do «recitativo») tradicional, um recitativo da conjuntura que para

¹⁴ Bernardo Mançano Fernandes: Ob. cit., p. 31.

¹⁵ Cfr. ídem.

¹⁶ Cfr. Henri Lefebvre: *La survie du capitalisme*; e Edward W. Soja: «The Socio-spatial Dialectic».

¹⁷ Cfr. Henri Lefebvre: Ob. cit.

¹⁸ Cfr. Eduardo San Marful Orbis: Ob. cit.

estudar o passado o divide em amplas secções: períodos de dez, vinte ou cinquenta anos.¹⁹

Afirma ainda que é evidente a existência de um tempo breve na vida econômica, social, literária, institucional, religiosa e inclusivamente geográfica (um vendaval, uma tempestade) e na política, enfim, em todas as formas de vida. Braudel destaca que a ciência social tem quase o horror do acontecimento, pois o tempo breve é o mais caprichoso e enganador das durações. Já entre os diferentes tempos da história a longa duração apresentou-se como um personagem embaraçoso, complexo, frequentemente inédito.²⁰

Ainda esse autor explica que o qualificativo que assume uma população qualquer, está diretamente relacionado com as atividades que realiza e com o sistema de interrelações que estabelece com seu meio, o que leva a formação e organização de um espaço bem definido (caso do setor sucroalcooleiro). Portanto, pode-se afirmar que é a natureza desse espaço que determina a condição. Briceño, em um curso virtual sobre ordenamento e gestão territorial, define que:

un mismo espacio es algo muy distinto para el guerrero, para el pastor, el agricultor o el artista y que el espacio sagrado es diferente al profano... tantos espacios distintos según qué ojos lo interpretan o deseen utilizarlo, ni más ni menos.²¹

Santos cataloga o espaço «como a morada dos homens, seu lugar de vida e de trabalho», e também como «um sistema de realidades, ou seja, um sistema formado por coisas da vida».²² O espaço geográfico dos antigos era a *oikumene*, a qual segundo Oliver Dollfus, não era mais que o lugar onde as condições naturais permitiam a organização da vida em sociedade e que «al igual que para los antiguos, para nosotros la *oikumene* sigue siendo la tierra habitada».²³

¹⁹ Fernand Braudel: *História e ciências sociais. A longa duração*, pp. 9-10.

²⁰ Cfr. ídem.

²¹ Manuel Briceño: «Ordenamiento y gestión territorial: fundamentos teórico-metodológicos».

²² Milton Santos: *Los espacios...*

²³ Olivier Dollfus: *El espacio geográfico*, p. 8.

O homem imprime suas marcas no espaço geográfico em que reside, imprime com certa ordem, o organiza de acordo com suas necessidades e a seu gosto de desenvolvimento, contanto que cada espaço conte com suas características físicas próprias. Então se compreende que todo espaço geográfico representa um espaço organizado, observando-se no mundo uma diversidade deles. O espaço ordenado geralmente está dividido de duas formas: o espaço urbano e o rural, cada um dos quais tem uma morfologia específica, funções diferentes e até opostas (caso específico da agroindústria sucroalcooleira). Atualmente, os modos e as formas de vida urbanas invadem os espaços catalogados como rurais, sendo assumidos pela população assentada ali. Geralmente se diz que o espaço rural está especializado no setor primário e energético, e os urbanos no terciário. Claro está que a fluidez e a especialização desses espaços estão determinadas pelo nível de desenvolvimento alcançado pela sociedade. Como se vê, esta categoria não possui definições ou significados únicos; varia de um a outro autor, mas que se coincide em que o espaço deve ser considerado não somente em sua qualidade de suporte físico, senão como um conjunto de relações históricas complexas em sua dinâmica segundo as diferentes épocas. O espaço social enquanto realização do ser social não é apenas uma definição ampla do espaço elaborada por Lefebvre, mas é uma acepção que esclarece muito bem o fato de que espaço e sociedade estão dialeticamente relacionados ou de que a organização espacial da sociedade é um produto material.²⁴

Milton Santos aborda um dos problemas principais da geografia: identificar a natureza do espaço e encontrar as categorias de análises que permitam estudá-lo. Este projeto supõe encontrar os conceitos, associações e aplicações que podem operar sobre a dinâmica social; o que constitui um exercício de análise complexo. Santos parte da noção de «espaço» como aquele conjunto indissolúvel de sistemas de objetos e sistemas de ações, em que confluem categorias analíticas como a paisagem, a configuração

²⁴ Cfr. Henri Lefebvre: Ob. cit. e *La production de l'espace*; e Edward W. Soja: Ob. cit.

territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas contidas.²⁵

O «território», por outra parte, é um espaço de poder, de gestão e de domínio do Estado, de indivíduos, de grupos e organizações, e das empresas locais, nacionais e multinacionais. Num mesmo espaço podem existir múltiplos territórios. Também Manuel Correia de Andrade inclui o termo de «poder», quando define que o território está relacionado com a idéia de domínio ou gestão dentro de um espaço determinado,²⁶ está ligado a idéia de poder estatal ou privado em todas as escalas.²⁷

A cientista colombiana Gloria Restrepo define assim la noção de «território»:

Al referirnos a un territorio estamos hablando de los diferentes poderes que se ejercen sobre un espacio, delimitándolo y diferenciándolo de otros espacios. Cuando hablamos de territorio nos referimos a límites. [...] los países no son los únicos territorios que existen, al interior de ellos o aún entre dominios de varios países pueden existir otro tipo de poderes que ejerzan un poder territorial.²⁸

Essa autora reconhece que ainda dentro das cidades existem espaços vedados. Todos os territórios são áreas em conflito pelo exercício do poder. Quando falamos de territórios, também falamos de conflito.

Assim, teoricamente, o território como objeto real e concreto, não é em si mesmo espaço; porque espaço e tempo não têm nem existência própria independente dos objetos, senão que é dimensão e condição primária da existência da realidade. Portanto, como afirma J. Coraggio, o espaço geográfico deve fazer alusão, necessariamente, a natureza de seus componentes reais, sua historicidade e especialidade.²⁹

²⁵ Cfr. Milton Santos: *A natureza do espaço*.

²⁶ Cfr. Manuel Correia de Andrade: *Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional, e do poder local*.

²⁷ Caso do desenvolvimento das agroindústrias sucroalcooleiras no território brasileiro.

²⁸ Gloria Restrepo: «Aproximación cultural al concepto de territorios», pp. 26-27.

²⁹ Cfr. J. Coraggio: «Notas sobre problemas del análisis espacial».

Olivier Dollfus considera que «el espacio geográfico está impregnado de historia, y por ello se diferencia de los espacios económicos que casi siempre dejan de lado la profundidad histórica».³⁰ O próprio autor reafirma essa tese, quando define que «la ocupación del suelo es la consecuencia de toda una historia, el reflejo de una civilización».³¹ Nesse pressuposto se embasam as reflexões desse artigo.

Considerações finais

As conclusões desenvolvidas nesse artigo objetivaram alcançar o entendimento no que se refere aos movimentos sócioespaciais e sua relação na atualidade com o desenvolvimento do capitalismo.

Lefebvre destaca que o capitalismo só se desenvolveu, chegando ao seu estágio atual, ocupando e, sobretudo, produzindo espaço produtivo e como consequência uma função social.³² A compreensão desse fenômeno geoespacial é imprescindível para qualquer análise que relacione as desigualdades sociais ao processo de evolução do atual modo de produção.

Como se vê, as categorias analisadas nesse artigo não possuem definições ou significados únicos, variam de um a outro autor, mas que se coincide em que o espaço deve ser considerado não somente em sua qualidade de suporte físico, senão como um conjunto de relações históricas complexas em sua dinâmica segundo as diferentes épocas.

Conclui-se que o qualificativo que assume uma população qualquer, está diretamente relacionado com as atividades que realiza e com o sistema de interrelações que estabelece com seu meio, o que leva a formação e organização de um espaço bem definido.

Pode-se apreciar durante a realização dessa reflexão que a dialética sócioespacial é um ponto de partida fundamental para a análise geográfica dos acontecimentos atuais num mundo em que o modo de produção capitalista tornou-se dominante. Por isso, o estudo do espaço mostra-se fundamental para a compreensão da sociedade,

³⁰ Olivier Dollfus: Ob. cit., p. 11.

³¹ *Ibidem*, p. 57.

³² Cfr. Henri Lefebvre: *La survie...*

levando-se em conta sua estreita relação com o processos e estruturas sociais.

Nesse sentido, as idéias desenvolvidas neste artigo objetivaram colaborar para o entendimento de como uma atividade produtiva pode interferir no espaço, no tempo e no território brasileiro, visto como uma ação realizada pelos empresários do setor agroindustrial e como esta ação vai se agrupando e se distribuindo pelo espaço geográfico, suporte físico-natural onde o homem vai desenvolver todas suas.

REFERÊNCIAS

- BRAUDEL, FERNAND: «História e Ciências Sociais. A longa duração», *Escritos sobre a História*, Perspectiva, São Paulo, 1978, pp. 41-77.
- BRICEÑO, MANUEL: *Consideraciones sobre la formación del espacio en Venezuela*, Universidad de Los Andes, 1976.
- BRICEÑO, MANUEL: «Ordenamiento y gestión territorial: fundamentos teórico-metodológicos», curso eletrônico, Facultad de Ciencias Forestales y Ambientales, Universidad de Los Andes, 2002, <<http://www.forest.ula.ve>> [11/3/2005].
- CENTRO LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO DE DEMOGRAFÍA (CELADE): *Diccionario demográfico multilingüe*, Unión Internacional para el Estudio Científico de la Población, Ediciones Ordina, Lieja, 1985.
- CORAGGIO, J.: «Notas sobre problemas del análisis espacial», *Revista Geográfica de América Central*, n.ºs 23-24, Costa Rica, 1991, pp. 11-42.
- CORREIA DE ANDRADE, MANUEL: *Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional, e do poder local*, Hucitec, São Paulo, 1988.
- DOLLFUS, OLIVIER: *El espacio geográfico*, Oikos-Tau, Barcelona, 1990.
- HARVEY, DAVID: «Between Space and Time: Reflections on the Geographical Imagination», *Annals of the Association of the American Geographers*, vol. 80, n.º 3, Oxford, 1990, pp. 418-434.
- HARVEY, DAVID: *A justiça social e a cidade*, Hucitec, São Paulo, 1980.
- LEFEBVRE, HENRI: *Espacio y política. El derecho a la ciudad II*, Ediciones Península, Barcelona, 1977.
- LEFEBVRE, HENRI: *La production de l'espace*, Anthropos, Paris, 2000.
- LEFEBVRE, HENRI: *La survie du capitalisme*, Anthropos, Paris, 1973.
- MANÇANO FERNANDES, BERNARDO: «Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais», *Revista Nera*, año 8, n.º 6, Presidente Prudente, jan.-jun., 2005, pp. 24-34.
- PUYOL, RAFAEL e R.E. MÉNDEZ: *Geografía humana*, Ediciones Cátedra, Madrid, 1988.
- RESTREPO, GLORIA: «Aproximación cultural al concepto de territorio», *Revista Perspectiva Geográfica*, n.º 4, Banco de la República, Colombia, <<http://www.lablaa.org/lablaa-virtual/letra-a/aprox-1.htm>> [11/3/2005].
- SAN MARFUL ORBIS, EDUARDO: «Población y poblamiento en la provincia de Matanzas: sus relaciones con la agroindustria azucarera, siglos XVI-XXI», tesis de doctorado, Centro de Estudios Demográficos, Facultad de Geografía, Universidad de La Habana, 2006.
- SAN MARFUL ORBIS, EDUARDO: «El poblamiento de Cuba hasta el siglo XIX a través de los censos», *Universidad de La Habana*, n.º 248, La Habana, 1998, pp. 95-107.
- SANTOS, MILTON: *Los espacios de la globalización*, Oikos-Tau, Barcelona, 1993.
- SANTOS, MILTON (dir.): *Geocrítica. Espacio y Método*, Universidad de Barcelona, n.º 65, septiembre, 1986.
- SANTOS, MILTON: *Metamorfosis del espacio habitado*, Oikos-Tau, Vilassar de Mar, 1996.
- SANTOS, MILTON: *A natureza do espaço*, Hucitec, São Paulo, 1996.
- SANTOS, MILTON: *Por uma geografia nova*, Edusp., São Paulo, 2002.
- SOJA, EDWARD W.: *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.
- SOJA, EDWARD W.: «The socio-spatial dialectic», *Annals of the Association of the American Geographers*, vol. 70, n.º 2, Oxford, June, 1980, pp. 207-225.
- SORRE, MAX: «Aproximaciones a la geografía urbana», <<http://www.telepolis.com/geografo/urbana.sitio.htm>> [10/4/2005].
- SORRE, MAX: *Lês fondements de la géographie humaine*, Librairie Armand, Paris, 1948.

TRICART, JEAN: *La tierra, planeta viviente*, Akal Univer-
taria, Madrid, 1981.

TRINCA, DELFINA: «La geografía y los cambios de hoy», en
C. Ferrer e I. Guillén (eds.), *IV Encuentro de Geógrafos*

de América Latina, vol. 2. «Ambiente y sociedades: la
geografía hacia el siglo XXI», Talleres Gráficos de la
Facultad de Ciencias Forestales Universidad de Los
Andes. Mérida. Venezuela, 1993, pp.241-246

